OS PROCESSOS DE INTEGRAÇÃO DE SABERES E EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: O PAPEL DO SOME NA FORMAÇÃO DE JOVENS TRABALHADORES

Raisa Chaves da Cruz
UFPA, raisachaves103@gmail.com

Doriedson do Socorro Rodrigues
UFPA, doriedson@ufpa.br

Resumo

O presente artigo analisa os processos de integração de saberes sociais e conhecimentos escolares, a partir do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME), no contexto vivido por jovens ribeirinhos, na escola EMEIF Professora Maria Regina Aquime, localizada na comunidade de Mapiraí de Baixo, no município de Cametá, Pará. O estudo investiga como ocorre a integração entre os saberes locais e as práticas pedagógicas no Ensino Médio, levando em conta os desafios enfrentados por estudantes e professores nessa modalidade de ensino. A pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas e observação participante, mostra como os(as) jovens trabalhadores e trabalhadoras vivenciam o Ensino Médio a partir de práticas pedagógicas e educativas, destacando a relevância do SOME para democratizar o acesso à educação em áreas rurais; revela também problemas estruturais que dificultam sua plena eficácia, como evasão escolar e infraestrutura inadequada nas escolas onde o SOME funciona.

Palavras-chave: Integração. Saberes. Educação ribeirinha. SOME.

Abstract

This article analyzes the processes of integrating social knowledge and academic learning within the Modular Teaching System (SOME), focusing on the riverine school *EMEIF Maria Regina Aquime* and considering the educational experiences of riverine youth in this teaching modality in Cametá, Pará. The study investigates how the integration between local knowledge and pedagogical practices occurs in high school, taking into account the challenges faced by students and teachers. The qualitative research, based on semi-structured interviews and participant observation, explores how young workers experience high school through pedagogical and educational practices, highlighting the relevance of SOME in democratizing access to education in rural areas. It also reveals structural problems that hinder its full effectiveness, such as school dropout rates and inadequate infrastructure in the schools where SOME operates.

Keywords: Integration. Knowledge. Riverine education. SOME.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida no município de Cametá, que, segundo o IBGE (2022), pertence à mesorregião do nordeste paraense e à microrregião de Cametá, com uma área de 3.082,19 km². Limita-se ao norte com o município de Limoeiro do Ajuru; ao sul, com Mocajuba; a leste, com Igarapé-Miri; e a oeste, com Oeiras do Pará. De acordo com o IBGE (2022), o município de Cametá possui uma população de 134.184 habitantes, dos quais 58.092 residem na zona urbana e 76.092 na zona rural. Trata-se de um município em que o contingente rural é maior que o urbano.

Tomamos como *locus* de pesquisa, o Ensino Médio ligado ao Sistema de Organização Modular de Ensino - SOME, da localidade ribeirinha de Mapiraí de Baixo, onde um conjunto de jovens trabalhadores e trabalhadoras do mundo ribeirinho vivencia a formação dessa etapa formativa, considerando que nesse espaço formativo, encontra-se jovens oriundos das áreas rurais do município.

O artigo perseguiu as seguintes etapas: a primeira refere-se à revisão bibliográfica e a segunda à pesquisa de campo. Na primeira fase ocorreu uma ampla revisão bibliográfica buscando referências metodológicas e relacionados ao objeto de pesquisa. Os autores que embasaram o método e a metodologia do projeto foram: Ciavatta (2012), Ramos (2005), Araujo, Costa e Santos (2013), Arruda (2012), Bogdan e Biklen (1994), Michelat (1985), Bakhtin (2006), Franco (2007), entre outros. Eles contribuíram para a análise dos dados coletados e permitiram o aprofundamento das conexões dos objetos com as múltiplas determinações do fenômeno estudado.

A segunda etapa do trabalho consistiu na pesquisa de campo, nesta fase, foi realizado um roteiro de entrevista semiestruturada e questionários, a fim de coletar os dados necessários. De início, obteve coleta de dados através de entrevista com a coordenação do SOME no Baixo Tocantins na Unidade Regional de Educação Cametá – 2ª URE, onde foi possível identificar que, atualmente estão em formação, um total de 2.171 alunos. E que o SOME é constituído por 7 circuitos com 26 localidades, 4 localidades em cada circuitos, e no circuito 5 e 6 o funcionamento ocorre de forma mista com outros municípios como com localidades dos municípios de Mocajuba e Baião. No 5 circuito está incluído a localidade (Laranjal/Mocajuba) no 6 tem a localidade de (Anilzinho/Baião) e (Tambaí Miri/Mocajuba). A partir disso o total de turmas no SOME é de 96 turmas, com 78 docentes atualmente em atuação no SOME em Cametá.

Posteriormente, foram realizada entrevistas com 2 moradores, 2 discentes e 2 docentes, da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professora Maria Regina Aquime, na localidade ribeirinha de Mapiraí de Baixo, onde possui 3 turmas do SOME, funcionando no turno vespertino, contendo no 1° ano 15 alunos, no 2° ano 27 alunos e no 3° ano 35 alunos, formando um total de 77 discentes e 3 docentes, a escola atende alunos de Mapiraí de Baixo, Mapiraí de Cima e Mapiraízinho e faz parte do circuito VII (Livramento, Manoel Raimundo, Mapiraí de Baixo, Torres). Tanto no roteiro quanto nos questionários aborda-se as questões cruciais para compreender os saberes sociais de jovens trabalhadores e trabalhadoras ligados ao SOME, baseados em suas materialidades produtivas e nas experiências formativas experienciadas.

Partindo-se do pressuposto de que capital e trabalho disputam projetos de sociedade distintos: o primeiro, primando pela privatização da riqueza e socialização da pobreza; o segundo, pela socialização da riqueza e aniquilação da pobreza, por meio de outra materialidade histórica. Entendendo, ainda, que ambos buscam estratégias para que seus projetos societários se realizem, muito contribuindo para isso os diferentes processos formativos experienciados pelas juventudes.

Entendemos que a categoria integração tem sido muito debatida no interior do Ensino Médio Integrado, no sentido de se desenvolver uma formação oposta à dualidade histórica do Ensino Médio Brasileiro, com o que se concorda, superando-se, conforme Ciavatta (2012, p. 85), "[...] o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar", opondo-se, assim, à "[...] redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico tecnológica e na sua apropriação histórico-social" (Ciavatta, 2012, p. 85).

Por conseguinte, a partir dessa discussão, muito se tem produzido também no sentido de compreender como a integração se realiza e pode se realizar nos processos pedagógicos e educativos no contexto escolar, no interior do Ensino Médio. A esse respeito, por exemplo, Ramos (2005, p. 107) tem discutido a questão do currículo integrado, de modo a "[...] superar a dicotomia entre conteúdos e competências, compreendendo que os primeiros não são conhecimentos abstratos desprovidos de uma historicidade, nem são insumos para o desenvolvimento de competências".

Isso pressupõe, em termos operacionais, conforme Pará (2009, p. 60), "[...] organizar os conteúdos a partir de grandes temas-problemas que permitem não só explorar o campo do saber fora da escola, mas também ensina aos alunos uma série de busca, ordenação, análise e

interpretação que lhes permitirá explorar outros temas". Da mesma forma, Araujo, Costa e Santos (2013, p. 1) ressaltam a importância de organizações didáticas que tomem "[...] a contextualização, a interdisciplinaridade e o compromisso com as transformações sociais como ideias de referência [...], a partir das quais podem ser organizadas práticas pedagógicas que se querem orientadas pela ideia de integração [...]", sem se perder de vista, contudo, que decisivo, para tanto, "[...] é o compromisso ético, político e pedagógico com a formação ampla dos trabalhadores e com o projeto de transformação social".

De início, buscou-se ampliar a sistematização de aspectos teóricos sobre as categorias *integração, saberes sociais e processos formativos no contexto do ensino médio*, através de leituras para o aprofundamento dos conceitos citados.

A respeito da formação integrada, considere-se o texto de Ciavatta (2005) "A formação integrada, a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade", a partir do qual podemos refletir sobre o que é ou que pode vir a ser a formação integrada, considerando, de acordo com a pesquisadora:

> O tema da formação integrada coloca em pauta uma concepção de educação que está em disputa permanente na história da educação brasileira: educar a todos ou a uma minoria, supostamente, mais apta ao conhecimento? A uns e a outros que tipo de educação deve ser dada de modo a atender às necessidades da sociedade? (Ciavatta, 2005, p. 2)

Neste sentido, em uma sociedade dividida historicamente pela divisão social do trabalho, a formação integrada busca garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. No entanto, essa realidade ainda é distante para muitos jovens trabalhadores, especialmente aqueles que vivem em comunidades ribeirinhas, onde a educação é precária e de difícil acesso, e as condições de vida são marcadas por grandes desafios socioeconômicos.

Os autores Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), destacam que a escola é produzida dentro das relações sociais no interior do projeto capitalista de sociedade e que o reino estrutural da desigualdade educacional que se reitera entre nós. Os autores Francisco de Oliveira Apud Frigotto, Ciavatta e Ramos, afirmam que a sociedade brasileira apresenta um tecido opaco nas relações de poder e de propriedade, movendo-se em conjunturas específicas, cujo núcleo excludente, subalterno e violento se mantém.

Destaca-se ainda que a revolução passiva[1] produz mudanças conforme os interesses da classe dominante no âmbito político, econômico, social e cultural e educacional, mantendo a estrutura de poder e privilégios produzindo a indigência, a miséria e a violência social. No Brasil, essa desigualdade se reflete na realidade dos jovens ribeirinhos, que são historicamente marginalizados e enfrentam dificuldades estruturais para acessar uma educação de qualidade. Esse contexto reforça um ciclo de exclusão, onde a pobreza e a falta de oportunidades educacionais se perpetuam de geração em geração.

A revolução passiva, conceito abordado pelos autores, é entendida como um processo em que as mudanças sociais ocorrem de forma controlada pelas elites dominantes, sem uma transformação radical das estruturas de poder e privilégio. Esses autores abordam a revolução passiva no contexto das reformas educacionais e sociais, destacando como elas muitas vezes atendem aos interesses das classes dominantes, ao invés de promover uma verdadeira reestruturação social que enfrente as desigualdades.

Para Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), a revolução passiva na educação é observada em reformas que, ao invés de alterar profundamente as condições sociais e econômicas das classes subalternas, operam mudanças superficiais, como a introdução de novos modelos pedagógicos ou curriculares que não conseguem transformar as desigualdades estruturais da sociedade. Essas reformas são apresentadas como avanços, mas na prática, elas reforçam o sistema vigente, mantendo as desigualdades e a marginalização de grupos sociais como os jovens trabalhadores e as populações ribeirinhas. No caso dos jovens trabalhadores, essa lógica se expressa na manutenção de condições precárias de ensino e na falta de políticas públicas efetivas que garantam uma educação emancipadora. A falta de investimento na educação ribeirinha é um efeito desse tipo de revolução na sociedade e na escola, pois mantém esses jovens em condições de subalternidade, restringindo seu acesso a melhores oportunidades de trabalho e ascensão social.

Diante disso, apontam Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) que elementos de luta devem ser construídos em nossa formação histórica de sociedade, no sentido de romper com a colonização intelectual e pensar o desenvolvimento a partir de nossa realidade, aplicando o método histórico-dialético a partir dos nossos problemas, em relação à posição dominante do capital internacional e do desequilíbrio de forças entre capital e trabalho.

---

[1] A revolução passiva, conforme Gramsci, refere-se as mudanças políticas e sociais que ocorrem sem uma transformação profunda das estruturas de poder, mas sim através de reformas que garantem a continuidade da dominação das classes superiores.

Neste trabalho, buscamos observar essa integração, de maneira que possamos compreender como, no interior da escola, a integração entre os saberes dos trabalhadores e os conhecimentos escolares, em uma possível unidade, manifesta-se e desenvolve-se, num desafio metodológico de tomar "[...] a prática como ponto de partida e de chegada, na construção do novo conhecimento. Trata-se do desafio de articular dialeticamente a prática com a teoria, o fazer com o saber, o agir com o pensar, condição indispensável para a formação de sujeitos autônomos, eficientes e criativos" (Arruda, 2012, p. 98). Para tanto, buscamos analisar essa integração no trabalho docente, no interior da formação desenvolvida pelo Sistema de Organização Modular de Ensino, junto a jovens do ensino médio ribeirinhos.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Analisar os processos de integração de saberes sociais e conhecimentos escolares, a partir do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME), no contexto de ensino médio vivido por jovens ribeirinhos na escola EMEIF Professora Maria Regina Aquime.

Objetivos Específicos:

- Ampliar a sistematização de aspectos teóricos sobre as categorias integração, saberes sociais, e processos formativos no contexto do ensino médio;
- Identificar os saberes sociais de jovens trabalhadores e trabalhadoras ligados ao SOME, baseados em suas materialidades produtivas e nas experiências formativas experienciadas no trabalho docente;
- Depreender como se realiza ou não a integração entre os saberes sociais dos discentes e os processos formativos do ensino médio vivido pelos jovens trabalhadores e pelas jovens trabalhadoras, no contexto da avaliação, procedimentos de ensino e perspectiva curricular do SOME, no Baixo Tocantins, município de Cametá.

METODOLOGIA

No município de Cametá, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e abertas junto a jovens trabalhadores e trabalhadoras que vivenciam o Ensino Médio, de modo a obter dados que permitam analisar como se materializa a integração e/ou não entre os saberes sociais desses sujeitos, compreendidos como atitudes, valores, habilidades e conhecimentos, decorrentes da materialidade produtiva por eles experienciadas, e os processos de escolarização do ensino médio, a partir de práticas pedagógicas e educativas vivenciadas.

Trata-se de observar como a escola vivencia os saberes sociais desses sujeitos, no interior de seus processos formativos escolares.

A entrevista do tipo semiestruturada é entendida como a possibilidade de o entrevistado manifestar com maior abertura suas respostas diante de um guião (Bogdan; Biklen, 1994) estabelecido pelo entrevistador, permitindo-se a obtenção de dados comparáveis entre vários sujeitos. Além do mais, partimos do pressuposto de que a entrevista semiestruturada possibilita informações mais profundamente desenvolvidas pelo entrevistado, porque lhe permite, a partir de uma pergunta guia, um grau maior de liberdade para discorrer sobre um tópico proposto, principalmente quando ele se encontra afetivamente envolvido com o assunto em debate (Michelat, 1985). Ou seja, "parte-se assim da ideia de que a pessoa interrogada é a mais apta a explorar o campo do problema que lhe é colocado, em função do que ela pensa e sente" (Michelat, 1985, p. 191).

Metodologicamente, a presente investigação configura-se como qualitativa, articulando teoria e empiria para a apreensão da essência do real. Como pesquisa qualitativa, buscamos "[...] compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem estes mesmos significados" (Bogdan; Biklen, 1994, p. 70).

Para o tratamento dos dados, utilizou-se as orientações da análise de conteúdo. Franco (2007) considera que a análise de conteúdo busca investigar o que têm a dizer as palavras que os homens produzem em suas relações sócio-históricas, sendo imprescindível observá-las em suas recorrências nas entrevistas e/ou documentos escritos, buscando inclusive quantificá-las, sistematizá-las quanto a repetições temáticas.

Em termos operacionais, a análise de conteúdo toma a mensagem "[...] verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental [...]" (Franco, 2007, p. 12) como ponto de partida para a investigação, por compreender que

> As mensagens expressam as representações sociais na qualidade de elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza via linguagem (Franco, 2007, p. 12).

No entanto, para se compreender as vozes que ressoam das mensagens fornecidas pelos sujeitos via entrevista ou via documentos por eles elaborados, não se pode perder de vista as condições contextuais em que se dá a produção daquelas, considerando-se o contexto tanto na relação entre pesquisador e sujeito pesquisado quanto na esfera mais amplo, englobando questões econômicas e socioculturais que os envolvem, assumindo-se, assim, a

perspectiva de examinar a realidade a partir da totalidade propugnada pelo materialismo histórico-dialético.

Trata-se de compreender, portanto, as mensagens como oriundas de uma concepção crítica e dinâmica de linguagem (Bakhtin, 2006), entendida "[...] como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação" (Franco, 2007, p. 13).

Por tal concepção de linguagem, a análise de conteúdo transcende a esfera do significado superficial das palavras e das repetições temáticas, buscando abstrair delas o sentido atribuído a determinada mensagem em um contexto sócio-histórico de relações. No dizer de Franco (2007, p. 13): "[...] o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das Representações Sociais, cognitivas, subjetivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas".

Busca-se, neste sentido, não o entendimento universal que uma palavra ou repetição temática possa apresentar de comum entre sujeitos diferenciados, mas a singularidade dessas palavras diante de contextos de vida divergentes dos universalmente conhecidos. Assim, descreve-se, analisa-se e interpreta-se o sentido que sujeitos historicamente situados atribuem às mensagens verbais (Franco, 2007), até porque

> Sendo o produtor, ele próprio, um produto social, está condicionado pelos interesses de sua época, ou da classe a que pertence. E, principalmente, ele é formado no espírito de uma teoria da qual passa a ser o expositor. Teoria que não significa "saber erudito" e nem se contrapõe ao "saber popular", mas que transforma seus divulgadores muito mais em executores de determinadas concepções do que seus próprios senhores (Franco, 2007, p. 25).

Partindo da premissa exposta por Franco (2007), de que o conteúdo das mensagens acaba por expressar os interesses de uma época, de uma classe, consideramos pertinente a análise de conteúdo para os propósitos da presente pesquisa, uma vez que buscamos compreender os saberes sociais de jovens trabalhadores e trabalhadoras ligados ao SOME, baseados em suas materialidades produtivas e nas experiências formativas experienciadas no trabalho docente, entendendo, neste contexto, que as experiências de gestão e de práticas pedagógicas não serão neutras, senão portadoras de "[...] suas filiações teóricas, concepções de mundo, interesses de classe, traços psicológicos, representações sociais, motivações, expectativas, etc" (Franco, 2007, p. 25). Isto posto, sintetizamos que se trata de Pesquisa qualitativa, com coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada, observação participante, sendo esses dados tratados pela Análise do Conteúdo.

RESULTADOS

A localidade escolhida para pesquisa foi à comunidade ribeirinha de Mapiraí de Baixo, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professora Maria Regina Aquime. A estrutura física da escola é de madeira recém-reformada, possui 9 salas de aula (incluindo o SOME), todas climatizadas, 3 banheiros femininos e 3 masculinos, sala de professores, secretaria, diretoria, pátio, cozinha e espaço livre para demais atividades.

Os Educadores que atuam no SOME, trabalham deslocando-se até a comunidade em períodos definidos, enfrentam desafios como a logística e adaptação do ensino ao calendário local, mas se dedicam a oferecer uma formação de qualidade, adaptando as metodologias ao contexto local ribeirinho. Já os estudantes do SOME, são compostos de jovens e adultos que conciliam os estudos com a vida familiar e o trabalho na pesca e no extrativismo, principais atividades econômicas da região e experiências de trabalho formativas de saberes. Muitos deles vêm de famílias que valorizam a transmissão do conhecimento tradicional e enxergam na educação uma oportunidade para ampliar suas possibilidades de futuro sem abandonar suas raízes.

Primeiramente, ao adentrar em uma comunidade ribeirinha devemos ter mente que a vivência nessas comunidades é marcada por um sentido de pertencimento e identidade que é construído através de gerações, onde o cotidiano está intimamente ligado ao rio, à floresta, e aos recursos naturais que os cercam. As atividades realizadas, como a pesca, o extrativismo, a agricultura e o artesanato, não são apenas meios de sobrevivência, mas também formas de manter tradições culturais e fortalecer os laços comunitários como fontes de experiências formativas de saberes.

Ao descrever as comunidades e sujeitos que ali residem, observa-se que as pessoas falam com carinho e respeito sobre seu lugar de vivência e atividades realizadas. Como é o caso da moradora da comunidade de Mapiraí de Baixo:

> A comunidade aqui do Mapiraí, é uma comunidade unida, tanto a comunidade quanto a escola... ‘é só uma no caso né’... forma só uma. Todos os eventos que são feitos... são feitos juntos. Nós somos uma comunidade que sobrevive da pesca e do apanho do açaí, essas são as principais atividades que a gente realiza, eu mesmo já pesquei muito... hoje em dia é só o meu marido que vai pro rio.

Existe uma profunda conexão das pessoas com o ambiente e o modo de vida local. Essa relação de interdependência com o meio ambiente e a valorização das práticas culturais locais fazem com que os moradores cultivem um sentimento de orgulho e cuidado por seu

lugar, reconhecendo sua importância não apenas como espaço físico, mas também como parte integrante de sua identidade e herança cultural.

A implantação do Sistema de Organização Modular de Ensino nas comunidades ribeirinhas é positiva por várias razões. A priori, o SOME oferece uma alternativa educacional flexível e adaptada às realidades geográficas e culturais dessas comunidades, que muitas vezes enfrentam dificuldades de acesso a escolas devido à distância e à falta de infraestrutura. O modelo modular permite que os alunos estudem em módulos intensivos durante um período determinado, o que facilita a conciliação entre o estudo e outras atividades locais, como o trabalho familiar e a pesca.

Além disso, o SOME possibilita que os estudantes das comunidades ribeirinhas tenham acesso a uma educação de qualidade sem precisarem se deslocar para áreas urbanas, preservando seus laços comunitários e culturais. Este sistema também capacita professores para lidar com as especificidades locais, promovendo uma educação contextualizada que respeita as particularidades do meio ambiente, das tradições e dos modos de vida das populações ribeirinhas. A moradora 2 que possui um filho que estuda através do SOME na localidade de Mapiraí de Baixo, deixa claro o quão positivo foi a implantação do SOME em sua comunidade:

> O SOME chegou em nossa comunidade há três anos é uma modalidade do ensino médio que tem contribuído bastante com a nossa comunidade na formação das pessoas, pois muitas vezes elas não tem condições de sair para buscar conhecimentos em outras localidades e acabam interrompendo os estudos com apenas ensino fundamental. Então ele veio contribuir muito com a comunidade de Mapiraí, pois muitos que tinham parado os seus estudos voltaram a estudar.

O SOME trás para as comunidades ribeirinhas a garantia ao acesso equitativo à educação, promovendo a permanência dos jovens em suas comunidades e contribuindo para o desenvolvimento sustentável e inclusivo dessas áreas, criando oportunidades para um futuro mais promissor desses sujeitos.

No entanto, a pesquisa de campo realizada na Escola Maria Regina Aquime, na ilha de Mapiraí de Baixo, aponta diversos desafios enfrentados pelos alunos e professores na modalidade de Ensino do Sistema de Organização Modular de Ensino é um principal desafio dos alunos que integram o SOME nesse contexto ribeirinho é a evasão escolar. De acordo com o professor de matemática, que trabalha a 3 anos no SOME e que está atuando na localidade de Mapiraí de Baixo “O maior desafio do SOME hoje, é a desistência, o SOME tem um índice particular devido a evasão dos alunos, principalmente os que tem família, os

adultos, por exemplo". Vemos essa questão na fala de outra professora de matemática da localidade de Mapiraí de Baixo, com 3 anos de atuação do SOME:

> Os desafios são as questões de jovens e adultos, a maioria geralmente já tem família, trabalha, então eles faltam muito. Na verdade, não que eles queiram faltar, geralmente precisam se ausentar mais, por conta da família, né... os filhos, a esposa adoece ou precisa levar para algum lugar para viajar, então, tem essa questão da frequência que atrapalha, e o cansaço, né... eles sempre estão mais cansados, a gente percebe, a mente que descansou o dia todo, ela consegue absorver melhor os conteúdos, diferente de quem já está ali desde cedo acordado, não teve descanso, às vezes não se alimenta direito também pela correria de trabalho e estudo. Então, tem esses desafios.

A evasão ou fracasso escolar é um fenômeno que causa prejuízos no campo educativo pelo insucesso escolar e pelos baixos rendimentos, constituindo um dos principais problemas educacionais. Na modalidade SOME é um desafio significativo, especialmente nas regiões mais afastadas e rurais do município, como nas localidades ribeirinhas, pois os alunos encontram-se em situações ainda mais desfavoráveis, fatores internos e externos à escola, como a necessidade de ingressar cedo no mundo do trabalho para o sustento da família ou seu próprio sustento, dificuldade e riscos na locomoção, sucessivas reprovações, falta de incentivo da família e da escola, vandalismo, gravidez na adolescência, entre outros, essa falta de formação de valores e preparo para o mundo do trabalho influenciam diretamente nas atitudes dos alunos que se afastam da escola. Esses obstáculos, considerados, na maioria das vezes, insuperável para milhares de crianças e jovens, geram desemprego ou ocasionam mão de obra barata.

Entre as famílias em situação de vulnerabilidade social os motivos que levam ao abandonam e consequentemente a evasão escolar, são justamente as necessidades econômicas que fazem com que os alunos precisam trabalhar para ajudar na renda familiar, nas escolas ribeirinhas esta realidade é muito frequente, filhos de agricultores e pescadores muitas vezes são a principal mão de obra dos pais, caracterizando o trabalho infantil. "Por isso o aluno às vezes ele deixa de estudar para ir trabalhar, porque ele precisa sustentar alguém, ele precisa ter um trabalho e estudar não é mais uma prioridade" (Professor de Matemática).

É preciso então, que os envolvidos no processo pedagógico reflitam sobre os elementos históricos que ajudam a compreender esse fenômeno e as relações existentes com os condicionantes socioeconômicos, políticos e culturais.

A evasão escolar é uma preocupação constante, tanto dos professores, quanto das redes de ensino. Pode ser considerado um indicador de fracasso do próprio sistema, sendo muitas vezes marcada por desigualdades educacionais.

O SOME é uma modalidade de ensino voltada para atender estudantes de áreas onde não há acesso fácil às escolas convencionais, muitas vezes em locais onde o acesso geográfico é difícil e a densidade populacional é baixa. Por isso, outro fator que prejudica o ensino vivenciado no SOME são os problemas relacionados à infraestrutura inadequada.

> Um dos maiores desafios do SOME que a gente encontra ainda em alguns lugares é de ter um espaço do SOME, porque o SOME é anexo nas escolas municipais, então nem todas as escolas têm um espaço digno, com sala, cadeiras, quadro, e também sobre a forma de desempenhar as atividades… nem todo lugar tem energia, então a prática de projetor, computador, ela não é muito válida em todos os locais. (Professor de Matemática)

Em muitos casos, as aulas do SOME são realizadas em locais improvisados, como salões comunitários, igrejas, galpões ou até em espaços abertos, sem as condições mínimas de conforto e segurança necessárias para o processo de ensino-aprendizagem.

Através do levantamento feito pela URE, mostra que muitos gestores apresentam resistência quando se fala da integração do SOME nas escolas, deixando-o à parte e não incluindo dentro da comunidade/escola. Como deixa claro a professora de matemática: “Mas infelizmente, tocando nesse assunto, muitas escolas não incluem o SOME como parte da escola, algumas passaram por reforma e não incluíram salas pro SOME”.

A falta de salas de aula adequadas com mesas, cadeiras confortáveis, quadros, ventilação e iluminação apropriadas dificulta o aprendizado e torna o ambiente escolar desmotivador tanto para os alunos quanto para os professores. Essa é uma questão de grande relevância a ser discutida e analisada pelos órgãos responsáveis.

Contudo, muitas são as conquistas vivenciadas pelo SOME nas comunidades ribeirinhas. O Sistema de Organização Modular de Ensino tem conseguido democratizar o acesso à educação de qualidade para jovens que, de outra forma, estariam distantes das salas de aula devido às barreiras que enfrentam. Como nos diz o aluno do 2° ano, da localidade de Mapiraí de Baixo:

> Nós temos a oportunidade de aprender bem, não indo para outro lugar. Os meus pais não tiveram essa oportunidade, porque não tinha... o papai já terminou, mas a mamãe não terminou tudo, ela fala que era até a quinta série que eles estudavam, que não tinha mais. E se não tivesse aqui no Mapiraí, eu ia ter que ir pro carapajó ou pra cidade.

Os jovens se sentem valorizados e motivados ao terem a oportunidade de estudar em suas próprias comunidades através do SOME. Esse sentimento de valorização vem do reconhecimento de que suas necessidades e realidades locais são levadas em consideração,

permitindo-lhes acessar uma educação de qualidade sem precisar se afastar de suas famílias, culturas e tradições. Como explica a professora de matemática:

> O SOME em si já é uma conquista, porque eles gastam menos para ter que se deslocar, o desgaste físico é menor, o emocional também, pois estão próximos da família, muitos tinham que ir lá para a cidade, morar com outras pessoas, com outras famílias, se sujeitar, às vezes ter que trabalhar na casa dos outros para poder estar estudando, que é básico, o mínimo, mas tem que estar trabalhando praticamente para poder ter a casa e a alimentação. Então aqui não, eles vão estar na casa deles, vêm e voltam com conforto, com tranquilidade, os colegas de sala são colegas também de vivência deles, é uma realidade mais tranquila.

Estudar em suas comunidades oferece um senso de pertencimento e segurança, já que podem continuar contribuindo para suas atividades familiares e comunitárias enquanto avançam nos estudos. A presença do SOME também desperta um sentimento de esperança e possibilidade de futuro, pois os jovens percebem que têm oportunidades concretas de aprendizado e desenvolvimento pessoal e profissional sem abrir mão de suas raízes. O aluno do 3° ano, fala um pouco sobre a contribuição do SOME para seu futuro:

> Acho que ele contribui de forma que dá esperança para a gente de um futuro melhor. E que a gente saia daqui em busca de um progresso, busca de ser uma pessoa melhor para poder ajudar as pessoas daqui da nossa região e para a gente também se manter. Eu acho que o SOME é uma ferramenta muito importante aqui para nossa região e que veio mesmo para melhorar e para somar.

O SOME tem promovido um maior acesso e inclusão escolar, ao mesmo tempo em que respeita as práticas culturais e o modo de vida dos habitantes. Além disso, o sistema tem contribuído para a formação de uma juventude mais consciente e capacitada, preparada para enfrentar os desafios do futuro sem abrir mão de suas raízes e identidade cultural. Essas conquistas reforçam o valor do SOME como uma estratégia eficaz para a educação em regiões isoladas e de difícil acesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Sistema Modular do Ensino Médio funciona por meio de uma estrutura que divide o currículo em módulos específicos e autônomos, permitindo maior flexibilidade no processo educacional. Esse modelo modular oferece uma abordagem mais flexível e personalizada à educação, o que é particularmente benéfico para alunos em contextos em que o acesso e a infraestrutura educacional são limitados, como na comunidade ribeirinha de Mapiraí de Baixo.

Por isso, o SOME desempenha um papel fundamental nas comunidades ribeirinhas, ao oferecer uma abordagem educacional flexível e alinhada às suas necessidades específicas.

Cada módulo é planejado para ser relevante e aplicável ao contexto local dos alunos, permitindo ajustes no ritmo e na abordagem pedagógica. Dessa forma, é possível incorporar temas e desafios específicos da região, refletindo a realidade e as demandas das comunidades ribeirinhas. Além disso, o currículo integra conteúdos sobre o meio ambiente, a cultura local e as práticas tradicionais, tornando o aprendizado mais significativo e promovendo a valorização dos saberes e das experiências locais.

Ademais, a implantação do SOME em comunidades ribeirinhas gera uma série de reações positivas entre os membros da comunidade. Muitas pessoas veem o SOME como uma oportunidade para melhorar a educação local e oferecer melhores perspectivas de futuro para seus filhos, aumentando a esperança de desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida.

A possibilidade de adaptar o currículo às realidades locais e incluir conhecimentos relevantes pode fazer com que os membros da comunidade se sintam mais envolvidos e valorizados no processo educacional, fazendo com que a comunidade reconheça seu potencial para proporcionar uma educação mais acessível, relevante e adaptada às suas necessidades específicas.

No entanto, nos últimos anos, o SOME tem sido alvo de ameaças e desafios, levando a uma série de manifestações em defesa de sua permanência. Em janeiro de 2025, lideranças indígenas e ribeirinhas do Pará ocuparam a sede da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) em Belém, protestando contra a substituição do ensino presencial pelo Sistema Educacional Interativo (SEI), que propõe aulas remotas. Essa mudança compromete a qualidade da educação, uma vez que a maioria das comunidades não dispõe de infraestrutura adequada para o ensino a distância, como na comunidade ribeirinha de Mapiraí de Baixo, onde o acesso à internet é restrito e inconstante.

Além disso, a substituição do SOME representa um retrocesso na luta por uma educação mais inclusiva e adaptada à realidade das populações tradicionais e ribeirinhas, visto que o sistema contribui para o desenvolvimento de habilidades relevantes para a realidade das comunidades ribeirinhas, fortalecendo a capacitação local e impulsionando o potencial econômico e social da região. A mobilização contou com a participação de diversas organizações sociais, professores e estudantes que reivindicam investimentos na melhoria do SOME, em vez de sua descontinuação.

O SOME é um importante aliado na promoção da equidade educacional e no apoio ao crescimento sustentável dessas comunidades, facilitando o acesso à educação de qualidade. Contudo, para maximizar seus benefícios, é crucial aprimorar a infraestrutura de suporte, garantir recursos educacionais adequados e proporcionar formação contínua para os

educadores. Além disso, a participação ativa da comunidade e a integração de feedback local são essenciais para ajustar o modelo às necessidades em constante evolução, assegurando que o SOME continue a ser uma ferramenta eficaz e adaptativa para o desenvolvimento educacional nessas regiões. A luta pela permanência do SOME evidencia sua importância para a promoção da equidade educacional e para o fortalecimento das comunidades que dependem desse modelo para garantir um futuro melhor para seus jovens.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. O marxismo e as pesquisas qualitativas como referências para investigação sobre educação profissional. In: ARAÚJO, R; RODRIGUES, D. (orgs.). **A pesquisa em trabalho, educação e políticas educacionais.** Campinas-SP: Editora Alínea, 2012.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. (orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições.** São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memórias e de identidade. In: FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M; RAMOS, M. (Org.). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FRANCO, M P. B. **Análise de conteúdo.** Brasília: Liber Livro Editora, 2. ed., 2007.

FRIGOTTO, G. Concepções no mundo do trabalho e o ensino médio. In: FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições.** São Paulo: Cortez, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Previsão populacional 2022: Cametá.** Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/cameta.html. Acesso em: 12 mar. 2025.

MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia. In: THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** São Paulo: Polis, 1985.

PARÁ. **Lei nº 7.806, de 29 de abril de 2014**. Dispõe sobre a regulamentação e o funcionamento do Sistema de Organização Modular de Ensino – SOME, no âmbito da Secretaria de Estado de Educação – SEDUC, e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Pará, Belém, PA, 30 abr. 2014. Cad. 1, p. 5-6.

RAMOS, M. Possibilidades e desafios para a organização do currículo integrado. In: RAMOS, M. N. (Org.); CIAVATTA, M. (Org.). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2005.